

O corpo como acontecimento semiótico: construções do *self*, performances e outras *semiosis*

Ronaldo César Henn

Pós-doutor; Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, Brasil
henn@unisinos.br

Felipe Viero Machado

Mestre; Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, Brasil
felipeviero@gmail.com

Resumo

O trabalho faz reflexão teórica sobre o corpo na condição de acontecimento semiótico, a partir de pesquisas desenvolvidas no âmbito do Laboratório de Investigação do Ciberacontecimento. Desta forma, pensa-se o corpo como signo e acontecimento que produzem discurso fundamental na constituição de identidades e do *self*. Também se desenha como espaço que traz imbricadas em si as possibilidades de assujeitamento do indivíduo ou de busca por liberdade. Ao ser construído em plataformas mediáticas diversas, o corpo tem suas potências semióticas intensificadas.

Palavras-chave

Corpo. Acontecimento. Signo. *Self*.

1 Introdução

O presente trabalho resulta de pesquisas desenvolvidas no âmbito do LIC (Laboratório de Investigação do Ciberacontecimento)¹, que se ocupam com a produção de acontecimentos em redes digitais, construção de sentidos em rede e nas interfaces com outras plataformas. Mais especificamente, volta-se para pensar o corpo na condição de acontecimento semiótico, desencadeador de semioses múltiplas, muitas vezes conflitantes.

¹ Grupo de Pesquisa lotado no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) e cadastrado no Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq).

Imbricado em processos de construções de si, o corpo, assim delineado, age como signo (COLAPIETRO, 1989; SANTAELLA, 2006) que se vincula a um conjunto de objetos, que envolve do próprio *self* a dispositivos da cultura. Inscritos, de forma mediada, em plataformas de comunicação, como *sites* de redes sociais ou revistas (universo empírico em que se situam as pesquisas que fundamentam este artigo)², o corpo, assim constituído, tem suas potências semióticas intensificadas. Defende-se que há, neste trânsito de semiotizações, processos de performatividade, no sentido proposto por Butler (1993) quando sugere que o gênero seja encarado como uma performance, uma estilização repetida no corpo, que, desse modo, assume o caráter daquilo que, mesmo não sendo natural, torna-se inteligível.

A partir desse pressuposto, desenvolve-se, neste texto, um exercício teórico que possibilite uma melhor compreensão conceitual para o fenômeno em tela. Quando Butler (1993) enfatiza que os gêneros são construções performativas, pode-se inferir dessa formulação que isso se trata de uma especificidade que está posta nas próprias condições de sobrevivência da espécie humana no planeta: a necessidade de criarmos ambientes tecnológicos, que inclui as linguagens (RODRIGUES, 2015) e que implicam nas constituições de si (MEAD, 1934; GOFFMAN, 1983; TAYLOR, 1989; COLAPIETRO, 1989) e do mundo que nos rodeia. Ao fazer uma distinção definitiva entre o eu e o corpo, Mead (1934) sugere que o corpo só pode ser percebido de forma mediada, ou seja, na condição de signo. A partir de uma compreensão semiótica do problema é possível pensar que tanto o *self* quanto o corpo, devidamente mediado pelo *self* (que é um produto social), só existem concretamente na condição de signos. A exacerbação semiótica da performatividade nos dispositivos midiáticos desencadeia uma série de questões que passamos a esboçar.

2 Sobre um corpo cujo peso se torna insustentável

Como superfície de projeções e de disputas simbólicas, o corpo traz imbricado em si tanto os anseios quanto os fantasmas de uma sociedade hedonista (LIPOVETSKY, 2005), que possui na aparência um ponto fulcral. O paradoxo, então, conforme lembra Sibilía (2004), é inescapável: ao mesmo tempo em que há um enaltecimento desse corpo, existe um pavor da

² Tratam-se das pesquisas *Produção de acontecimentos nas redes sociais digitais: ciberacontecimentos, construções de gênero e homofobia*, financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq); e do projeto de doutorado *A insustentável leveza dos corpos: sobre como os discursos e as práticas de Júnior e de Mens Health mobilizam sentidos e dizem dos gêneros e das sexualidades possíveis*, financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e com finalização prevista para 2017.

carne, um asco daquilo que, fugindo ao ideal, dá a ver o caráter demasiado humano dessa soma: os tecidos adiposos que sobram, os fluidos indesejáveis, as falhas de algo que, contrariando as expectativas, mostra-se invariavelmente não máquina.

Não máquina? Em partes. Haraway (2009, p. 36) definirá o ciborgue como “[...] um organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo, uma criatura de realidade social e também uma criatura de ficção”. Preciado (2014, p. 167), por sua vez, defenderá que já somos todos ciborgues, incorporando próteses robóticas e cibernéticas e que o corpo, ao conectar-se, converte-se em “[...] prótese pensante do sistema de redes”.

Os discursos sociais e mediáticos expõem, continuamente, que o corpo é plástico, moldando-se conforme o empenho e a dedicação de quem o porta. E portar, aqui, dá justamente a ver o sentido concreto que esse corpo adquire: ele pode ser reconstruído, reformulado, recriado. Não há limites para a criatividade e, em mesas de operação reais e simbólicas, os indivíduos são costurados e recosturados tal qual Frankensteins pós-modernos.

Como sugere Ortega (2008), as modernas asceses corporais enfatizam, ininterruptamente, procedimentos médicos, higiênicos e estéticos a partir dos quais se estrutura o *self*. O sujeito advindo desse processo, pois, tem no autocontrole e na autovigilância as fontes básicas de sua identidade.

Na biossociabilidade, então, os critérios de mérito passam a se referir ao sucesso obtido no que tange à aproximação de um determinado padrão. “As ações individuais passam a ser dirigidas com o objetivo de obter a melhor forma física, mais longevidade, prolongamento da juventude.” (ORTEGA, 2008, p. 31)

Se os corpos possuem peso, como afirma Butler (1993), ninguém quer ser aquele corpo por cujo pranto não há reivindicação, os corpos estranhos que, rompendo com aquilo que se espera, perturbam a ordem (LOURO, 2004). Em meio às tendências exibicionistas e performáticas, toda uma espetacularização do eu visa a alcançar uma meta: o reconhecimento perante os olhos dos demais. A obsessão pelo corpo espetacular, assim, seria a consequência de uma batalha que almeja tornar o corpo “[...] signo imaginário de um modo de vida ao qual jamais terão acesso.” (COSTA, 2005, p. 230-231)

Mas, é importante ressaltar, as biocibertecnologias são, ao mesmo tempo, “[...] resultado das estruturas de poder e os possíveis bolsões de resistência a esse mesmo poder.” (PRECIADO, 2014, p. 168). Portanto, nesses corpos diuturnamente vigiados, onde mais há dominação, há, igualmente, chances de desestabilização dessa ordem e dessa

opressão. Projetos fotográficos como o de Adam Moco, que discutem, a partir de corpos masculinos em aplicativos de encontro para *gays*, ideais estéticos e determinadas performances de gênero mais valorizadas que outras, propõem reflexões críticas no que se refere às noções de beleza e subjetividade (TRYST PIC, [20--]).

3 Do acontecimento ao corpo como acontecimento

Transmutado mediaticamente, o corpo pode se singularizar como acontecimento a suscitar campos problemáticos. Ao ressaltar que o acontecimento é “[...] um fenômeno de ordem hermenêutica [...]”, Quéré (2005, p. 60) salienta seu duplo papel: por um lado, o acontecimento pede para ser compreendido e, por outro, faz compreender certas questões, dá a ver dado real, revelando esses campos. Seguindo a mesma direção, Rebelo (2005, p. 17) lembrará que ele gera “[...] uma ruptura inesperada da ordem das coisas [...]”, um corte em relação a uma ordem estabelecida, tal qual Rodrigues (1993, p. 27), ao afirmar que acontecimento é “[...] tudo aquilo que irrompe na superfície lisa da história entre uma multiplicidade aleatória de factos virtuais.”

No plano da idealidade, o acontecimento, como reivindica Deleuze (1998), é uma singularidade. De uma perspectiva sistêmica, a singularidade é um conjunto de condições iniciais que disparam um processo. Pode-se pensar em um ponto singular de condições que produziram o *big bang* ou uma série de condições térmicas, atmosféricas, de gravidade e de energia que juntos, em uma singularidade, possibilitaram a vida. Trata-se de uma instância que pré-existe às coisas e articula-se como puro devir (HENN, 2010). Pela lógica de C. S. Peirce (2002), estaríamos no universo da primariedade, território virtual dos acasos. Acontecimento, desta forma, é algo da ordem do inapreensível e que se desdobra nas curvas de intermináveis paradoxos.

Para Deleuze (1998), o acontecimento é algo da ordem da superfície que se desliza através de movimentos em séries nos quais submerge o que ele chama de *estados das coisas*. Por conta disso, o acontecimento dizível é sempre, ao mesmo tempo, o que acaba de passar e o que vai passar, mas nunca passa: nunca se podem apreender as coisas quando acontecem, elas já são traduzidas em linguagem e, o acontecimento, ao mesmo tempo em que é linguagem, está para aquém e além dela. “O acontecimento é coextensivo ao devir e o devir, por sua vez, é coextensivo à linguagem.” (DELEUZE, 1998, p. 9).

Inserir o pensamento na dimensão do acontecimento, na perspectiva de Souza (2012), aproxima-se da ideia desenvolvida por Michel Foucault em estudo sobre Kant, que concebe a filosofia não como uma ontologia metafísica abstrata, de essências intemporais, mas como uma ontologia do presente: uma troca ontológica em que não está em causa a captura conceitual do ser do presente (como uma espécie de fenomenologia da atualidade), mas sim o devir, a parte inatual da realidade atual. “O pensamento como cartografia dos movimentos intempestivos de heterogênesse, como geografia de devires.” (SOUZA, 2012, p. 14).

Pode-se pensar, a partir dessa configuração, também numa espécie de “acontecimentalização” do corpo: nem como coisa dada pela natureza tampouco algo devidamente conformado pela cultura. Até porque, como enfatiza Souza (2012, p. 93), em perspectiva deleuziana, o “acontecimental” não coincide com o acidental ou o efetivo. Os acontecimentos como idealidades filosóficas não designam os acidentes das coisas, os estados de ser, nem os fatos, as ações exercidas e as paixões sofridas pelos corpos, assim como as modificações corporais decorridas de uma e de outras. Pensa-se, aqui, na ideia de um corpo em devir, em permanente mutação semiótica: fluxos de singularidades “acontecimentais” que se transmutam com o próprio pensamento. Em termos peirceanos, o corpo como qualidade em si mesmo. Esse estado de devir dota o acontecimento quando tocado em sua singularidade fugidia com a força propulsora da semiose: o corpo entra em processo de semiotizações em que sentidos deslizam, contorcem-se e, muitas vezes, aparentemente acomodam-se. É nos interstícios destas camadas de superfícies que se desviam o que se pensa, aqui, no corpo como acontecimento semiótico.

Pelas categorias fenomenológicas de Peirce (1977), o acontecimento ideal seria da ordem da primariedade. Trata-se do presente imediato, não determinado pelo ausente, passado ou futuro. Na condição de pura qualidade, este presente absoluto é sempre fugidio, nunca se deixa apreender a total imediatidade. Seria o acontecimento em estado puro, sem referência a qualquer outra coisa dentro dele, ou fora dele, independentemente de toda a força e de toda a razão (PEIRCE, 1977, p. 24). Peirce entendia que o mundo está cheio do que ele chamava de *originalidade irresponsável*, livre.

Mas é na categoria da secundidade que o acontecimento, como ação, ganha contornos. Nela não se tem mais o todo da consciência, mas um mundo que se divide com a emergência da força bruta: as coisas se distinguem binariamente, ação e reação. A categoria é também parte constitutiva da experiência, ela própria da natureza de um acontecimento. O

mundo da secundidade e, pois, o mundo dos acontecimentos enquanto forças discriminatórias. É nele que a descontinuidade se insurge como passado que será articulado num ser *in future*, como continuidade, no plano terceiro. “No fluxo temporal da consciência o passado aparece agindo diretamente no futuro, efeito chamado memória; enquanto o futuro atua sobre o passado somente através de um terceiro.” (PEIRCE, 1974, p. 96).

No âmbito da terceridade, tudo é signo e, conseqüentemente, linguagem. Signo, entretanto, que contém em si, a primeira e segunda categoria. É nessa esfera que o acontecimento se transmuta: nela ele já se transforma em uma construção, pois tudo na terceridade já é da ordem da mediação. É através dos seus timbres que os sentidos são instituídos na proliferação das linguagens. A terceridade engendra a história que se multiplica em suas cadeias semióticas orientadas pelo futuro.

Reza a Teoria Geral dos Signos (PEIRCE, 2002) que o signo é sempre algo distinto do objeto que representa. Do mesmo modo, o signo sempre representa o objeto de forma parcial, incompleta. Por maior que seja o vínculo entre signo e objeto, e por mais que o meio de acesso ao objeto seja através do signo, existe uma distinção definitiva entre essas instâncias, distinção essa de natureza tanto lógica quanto ontológica. Por outro lado, o signo nunca está vinculado a um único objeto: ele pode expressar um feixe de objetos que passam por códigos constituintes, ideias, conceitos, imaginação, delírios... E só se completam, como signos, a medida em que geram interpretantes em uma mente, ou rede de mentes, em que toda esta cadeia de objetos vai se atualizando e transformando-se: os signos criam o mundo e é neste processo que os acontecimentos se materializam, ganham sentido.

Será através do sistema mediático que o acontecimento, na condição de signo, ganhará textura definitiva (HENN, 2010). É, então, que Nora (1977, p. 245) afirma que o monopólio da história pertence aos *mass media*, sendo, em sua visão, “através deles, e só através deles, que o acontecimento nos toca e não pode evitar-nos”. Em contrapartida, em um contexto contemporâneo de comunicação em rede e de biocibertecnologias (PRECIADO, 2014), outra esfera de acontecimentos é perceptível. Tratam-se dos ciberacontecimentos (HENN, 2014), acontecimentos que se processam em redes digitais e que produzem novas territorialidades semióticas, assim como nichos de tensões semiosféricas (LOTMAN, 1999) intensas e tensas. Nas interfaces desses sistemas, e no trânsito entre qualidade, singularidade e mediação, o corpo transmuta-se em materialidades semióticas diversas.

O corpo é singular uma vez em que é a marca de cada um. Ele apenas é integrado sem ruídos, entretanto, quando responde positivamente a uma ampla rede discursiva que se

estrutura ao redor do cuidado de si (FOUCAULT, 1985). Propõe-se, aqui, que o corpo seja percebido como acontecimento na medida em que, ao ser interpelado pelas práticas e discursos da bioascese (ORTEGA, 2008), consolidados e reforçados pelos *media* e pelas redes, ele deve a esses conformar-se ou com eles estabelecer uma ruptura.

Em um cenário no qual o físico se torna um signo cardinal do *self*, no qual, por meio do *fitness* os sujeitos de fato tornam-se corporificados (ORTEGA, 2008), a recusa ao molde representa assumir uma falha de caráter quase moral. Ao constituir-se em acontecimento, aí, o corpo dá àquele que o porta duas possibilidades: a sujeição ou a reformulação desses discursos em práticas de liberdade.

4 O corpo como acontecimento semiótico

Pensar o corpo como acontecimento significa compreendê-lo, também na sua dimensão semiótica. Pelas categorias propostas por C. S. Peirce (2002), o corpo, na condição de organismo, estaria no plano da secundidade e participa do processo de construção do *self*, mesmo que, nesse processo de natureza semiótica, o *self* distinga-se do corpo e o próprio corpo, por conta disso, passa a constituir-se nos meandros da terceiridade: transforma-se em signo (SANTAELLA, 2006).

E aqui convém trazer o pensamento pioneiro de Mead (1934). O autor sentencia que há que se distinguir, sob determinadas condições, experiências tão imediatas das que se vinculam à nossa própria organização dentro da experiência do *self*. Essa experiência implica num grau de sofisticação, e temos aqui um momento típico de secundidade: a experiência fora (dor e prazer) que é percebida como vivenciada por si. E na sequência, construímos memória naquilo que Mead designa como “cordas do nosso *self*”. Frequentemente temos memórias que não podemos precisar no tempo e no espaço. A imagem vem antes de nós e sentimo-nos em defasagem para explicar como essa experiência originalmente ocorreu. Sentimos necessidade de colocar essa imagem na nossa experiência passada. A experiência, campo do segundo e do próprio acontecimento, como entende Quéré (2005), transforma-se em memória narratizada, formulação que ecoa sentença de Ricouer (2010): o sujeito é feito das histórias que vai contando de si mesmo e, sobretudo do modo como conta a si próprio, as sequências narrativas de sua identidade (COELHO, 2005).

Mead (1934) ensinava que podemos fazer uma distinção muito definitiva entre o eu e o corpo. O corpo pode operar de uma maneira muito inteligente sem que haja um *self* envolvido no processo. Mas *self* é um objeto para si próprio (aquilo que Peirce designa como

signo/pensamento): essa característica distingue o *self* dos outros objetos e do corpo. Não podemos obter uma experiência do todo do nosso corpo. As partes do corpo são bem distinguíveis do *self*. O corpo não é uma experiência de si como um todo, no sentido de que o *self* é uma experiência de si.

Colapietro (1989) esclarece semioticamente esse processo, lembrando que mesmo participando da aquisição do autoconhecimento, e por mais que o organismo humano desempenhe um papel fundamental na aquisição do autoconhecimento, ele só pode funcionar como corporalização para o *self*. Entretanto, todo o signo, para realmente funcionar, requer algum tipo de corporalização, mas não pode ser reduzido à ela (SANTAELLA, 2006). O corpo como signo, portanto entra em outra textura de corporalização. Quando constituído em plataforma mediáticas múltiplas, transforma-se em fluxo ininterrupto de sentidos a construir outros possíveis *framings* (GOFFMAN, 1983). E é nessa lógica que podemos, então, pensar o corpo como acontecimento.

Rodrigues (2005) entende os media como dispositivos de enunciação, que produzem deslocamentos no espaço e no tempo. O corpo, na condição de mídia primária, como conceitua Harry Pross (BETH; PROSS, 1987), pode também ser pensado como dispositivo da cultura: naturaliza, tal qual as mídias terciárias a partir das suas especificidades enunciativas, sentidos que são construídos. São ruidosos, entretanto, quando transgridem as lógicas dos dispositivos: acentuam sua performatividade, como entende Butler (1993), quando fala dos corpos sem peso. Sua potência evenemencial dispara. São performances do *self* que encontram um ambiente intenso de encenação nas narrativas espalhadas dos *sites* de redes sociais (JENKINS; FORD; GREEN, 2013), nas quais plataformas antigas, como capas de revistas, também inserem-se. O corpo semiotizado nessas materialidades mediáticas transforma-se em acontecimento que traz implicado, como campo problemático, um sintoma denso do mundo contemporâneo.

O conceito de *spreadable media* articula-se em uma distinção entre distribuição, que está no topo dos processos de mídia, com a circulação, que possui caráter essencialmente híbrido e não linear. O conteúdo literalmente espalha-se numa série de transações entre agentes de diferentes quilates. É uma mídia que viaja entre plataformas midiáticas, com o tônus do compartilhamento. Os autores compreendem que está em curso uma verdadeira reestruturação dos complexos midiáticos. Um dos sintomas mais significativos dessa reestruturação, e que serve como palco das tensões conceituais contemporâneas, encontra-

se nos processos transnarrativos que envolvem conexões entre diferentes plataformas e suportes midiáticos, incluindo os chamados ambientes *offline*.

Compreendemos que comportamentos digitais dessa envergadura são propulsores do que designamos como ciberacontecimentos. Nas pesquisas desenvolvidas sobre esse tema, chegamos a seis categorias de ciberacontecimentos: mobilizações globais, protestos virtuais, exercícios de cidadania, afirmações culturais, entretenimentos e subjetividades (HENN, 2015). Desse conjunto, as designadas como subjetividades situam-se entre as que concentram um conjunto de questões emergenciais na cena contemporânea. Suscetibilidades, alegrias, sofrimentos, celebrações, nascimentos, mortes. Os ritos de passagem reiteram-se e reinventam-se: desde os que, em tempos anteriores, eram apenas vividos no universo particular da intimidade até os que já se engendravam publicamente, mas com visibilidade limitada. Os modos de subjetivação contemporâneos, tecidos na textura das redes digitais, são todos, potencialmente, acontecimentos públicos, e isso dinamiza a cultura, transformando-a. A presença do corpo, devidamente mediado nas dinâmicas desse ambiente, transforma-se em potente força *acontecimental*.

O corpo, nos modos como o concebemos ao longo deste texto, enquanto materialidade, é pensado para além de uma perspectiva que o embote nela mesma. Como signo, o corpo constitui-se em redes de comunicação, em discursos, em performances e em identidades. Como acontecimento, é plataforma que permite a circulação de sentidos que são múltiplos, e, não raramente, antagônicos, visibilizando sua complexidade e gama de possibilidades. Acredita-se, assim, que seja neste processo de constituição de corpos, de embates entre assujeitamento, por parte dos indivíduos, a determinada lógica/norma social e, ao mesmo tempo, de ruptura frente a outras opções que se expõem, que se possa, igualmente, falar em consolidação de um *self*. Reflexões pontuais, enfim, que se estruturam para novas pesquisas já em desenvolvimento.

Referências

BETH, H.; PROSS, H. **Introducción a la ciencia de la comunicación**. Barcelona: Antrophos Editorial del Hombre, 1987.

BUTLER, J. **Gender trouble: feminism and the subversion of identity**. New York: Routledge, 1990.

BUTLER, J. **Bodies that matter: on the discursive limits of sex**. New York: Routledge, 1993.

COELHO, E. P. A construção da identidade (prefácio). In: FAIA, M. A. **O eu construído, identidade pessoal e consciência de si**. Coimbra: Minerva Coimbra, 2005.

COLAPIETRO, V. **Peirce's approach to the self**: a semiotic perspective on human subjectivity. Albany: State University of New York, 1989.

COSTA, J. F. **O vestígio e a aura**: corpo e consumismo na moral do espetáculo. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

DELEUZE, Giles. **A lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

FISCHER, R. M. B. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar. **Educação e pesquisa**, Cidade, 28, n. 1, 151-162, 2002.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade III**: o cuidado de si. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida quotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1983.

HARAWAY, D. Manifesto Ciborgue. In: HARAWAY, D.; KUNZRU, H.; TADEU, T. **Antropologia do ciborgue**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

HENN, R. **El ciberacontecimiento**: producción y semiosis. Barcelona: Editorial UOC, 2015.

HENN, R. "Seis categorias para o ciberacontecimento". In: NAKAGAWA, R. M.; SILVA, A. R. (Org.). **Semiótica da Comunicação II**. São Paulo: INTERCOM, 2015. v. 2, p. 208-227.

HENN, R. O acontecimento em sua dimensão semiótica. BENETTI, M; FONSECA, V. (Org.) **Jornalismo e acontecimento**: mapeamentos críticos. Florianópolis: Insular, 2010. p. 77-93.

HENN, R; GONZATTI, C; KOLINSKI MACHADO, F.V. Jordan lives for the applause: performances de si como propulsoras de ciberacontecimentos. In: Encontro Anual da Compós, 25., 2016, Goiânia. **Anais...** Goiânia: UFG, 2016.

JENKINS, H.; FORD, S.; GREEN, J. **Spreadable media, creatin, value and meaning in a networked culture**. New York: New York University, 2013.

LIPOVETSKY, G. **A era do vazio**: ensaio sobre o indivíduo contemporâneo. Lisboa: Relógio d'Água, 2005.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MEAD, G. H. **Mind, self and society**: from de standpoint of a social behaviorist. Chicago: University of Chicago, 1934. v. 1.

NORA, P. O regresso do acontecimento. In: LE GOFF, J.; NORA, P. (Org.). **Fazer história**. Venda Nova: Bertrand, 1977.

- ORTEGA, F. O corpo incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea. In: ORTEGA, F. **O corpo incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea**. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.
- PEIRCE, C. S. **The collected papers of Charles Sanders Peirce**. Charlottesville: InteLex, 2002.
- PRECIADO, B. **Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual**. São Paulo: N1 Edições, 2014.
- QUÉRÉ, L. Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento. **Trajectos, Revista de Comunicação, Cultura e Educação**, Lisboa, n. 6, p. 59-76, 2005.
- REBELO, J. Prolegómenos à narrativa mediática do acontecimento. **Trajectos, Revista de Comunicação, Cultura e Educação**, Lisboa, n. 8-9, p. 17-27, 2006.
- RICOEUR, P. **Tempo e narrativa: a intriga e a narrativa histórica**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- RODRIGUES, A. O acontecimento. In: TRAQUINA, N. (Org.) **Jornalismo: questões, teorias e "estórias"**. Lisboa: Vegas, 1993.
- RODRIGUES, A. **A partitura invisível**. Para a abordagem interativa da linguagem. Lisboa: Colibri, 2005.
- SANTAELLA, L. Os conceitos anticartesianos de *self* em Peirce e Bakhtin. **Cognitio**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 121-132, jan./jun, 2006.
- SIBILIA, P. O pavor da carne: riscos da pureza e do sacrifício no corpo-imagem contemporâneo. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, Porto Alegre, v. 1, n. 25, p. 68-84, 2004.
- SOUZA, D. **Lógica do acontecimento**. Lisboa: Documenta, 2012.
- TAYLOR, C. **Sources of the self**. Cambridge: Cambridge University, 1989.
- TRYST PIC**. [20--]. Disponível em: <<http://www.adammoco.com/trystpic/>>. Acesso em: 10 maio 2015.

The body like a semiotic event: construction of the self, performances and other semiosis

Abstract

The work is a theoretical reflection about the body in the condition of a semiotic event, from research developed in the Cyberevent Research Laboratory (LIC). Thus, the body is taken as a sign and an event that produce fundamental discourse in the constitution of identity and self. It also draws up a space that brings imbricated itself the possibilities of subjection of the individual or search for freedom. To be constructed in different media platforms, the body has its stepped semiotic powers.

Keywords

Body. Event. Sign. Self.

El cuerpo como un acontecimiento semiótico: la construcción del self, performances y otras semiosis

Resumen

El trabajo es la reflexión teórica sobre el cuerpo en la condición de acontecimiento semiótico, desde la investigación llevada a cabo en el Laboratorio de Investigación del Ciberacontecimiento. El cuerpo se entiende como signo y acontecimiento, que producen el discurso fundamental en la constitución de la identidad y del *self*. También elabora un espacio que trae en sí imbricado las posibilidades de sujeción de la persona en la búsqueda de la libertad. A construirse en diferentes plataformas de medios, el cuerpo tiene sus poderes semióticos ampliados.

Palabras clave

Cuerpo; Acontecimiento; Signo; Self

Recebido em 28/08/2016

Aceito em 16/09/2016

Copyright (c) 2016 Ronaldo César Henn, Felipe Viero Machado. Creative Commons License. Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. Os Direitos Autorais dos artigos publicados neste periódico pertencem aos autores, e os direitos da primeira publicação são garantidos à revista. Por serem publicados em uma revista de acesso livre, os artigos são de uso gratuito, com atribuições próprias, em atividades educacionais e não-comerciais.

